



VIRTUALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS FINANCEIROS E BANCÁRIOS: localização espacial desses novos atores¹.

Amós Juvêncio Pereira de Moura ²
Giovana Mendes de Oliveira ³

RESUMO

Nas últimas três décadas as inovações tecnológicas modificaram a maneira como a sociedade consome produtos e serviços. *Startups* surgiram e passaram a oferecer soluções inovadoras para problemas do cotidiano, transformando a economia. Um dos ramos afetados foi o de serviços financeiros e bancários. Surgiram os “bancos digitais”, instituições financeiras que permitem realizar a maior parte das operações, desde a abertura de contas, a partir de aplicativos para telefones móveis. Bancos digitais não necessitam grande demanda de agências bancárias e outros fixos geográficos. O presente trabalho busca entender qual a distribuição espacial dos bancos digitais. Os resultados apontam para concentração na região Sudeste, sobretudo no estado de São Paulo. As explicações possíveis para essa concentração são: a) empresas inovadoras tendem a se aglomerar nos grandes centros urbanos, possibilitando a criação de uma sinergia inovadora; b) São Paulo e o Sudeste brasileiro concentram grande parte do PIB, além de concentrar as sedes de outras empresas ligadas ao setor financeiro. Entender os impactos da informatização da economia é tarefa das ciências humanas, cabendo à Geografia entender os impactos da concentração espacial de empresas inovadoras, algo que pode aumentar ainda mais as desigualdades regionais. Os bancos digitais, apesar de propagarem a flexibilidade espacial no uso dos serviços bancários, possibilitarem o uso em diferentes tempos e espaços, contribuem para a lógica da concentração territorial.

Palavras-chave: Bancos Digitais, Nova Economia, Concentração Espacial, *Fintechs*, Desigualdades Regionais.

ABSTRACT

Over the past three decades, technological innovations have changed the way society consumes products and services. Startups emerged and started to offer innovative solutions to everyday problems, transforming the economy. One of the branches affected was financial and banking services. “Digital banks” emerged, financial institutions that allow the majority of operations to be carried out, from opening

¹ Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, através da concessão de bolsa de mestrado.

² Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel, ajpereirademoura@gmail.com;

³ Professora do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, geoliveira.ufpel@gmail.com;



accounts, using applications for mobile phones. Digital banks do not have a great demand for bank branches and other geographic fixed locations. This work seeks to understand the spatial distribution of digital banks. The results point to a concentration in the Southeast region, especially in the state of São Paulo. Possible explanations for this concentration are: a) innovative companies tend to cluster in large urban centers, enabling the creation of an innovative synergy; b) São Paulo and the Brazilian Southeast concentrate a large part of the GDP, in addition to concentrating the headquarters of other companies linked to the financial sector. Understanding the impacts of the computerization of the economy is a task for the human sciences, and Geography is responsible for understanding the impacts of the spatial concentration of innovative companies, something that can further increase regional inequalities. Digital banks, despite propagating the spatial flexibility in the use of banking services, enabling their use in different times and spaces, contribute to the logic of territorial concentration.

Keywords: Digital Banking, New Economy, Spatial Concentration, Fintechs, Regional Inequalities.

INTRODUÇÃO

A partir do início dos anos 1990, a sociedade global passou por diversas transformações políticas, sociais e econômicas. Com o declínio das economias socialistas no leste europeu, o capitalismo passa a ser o sistema hegemônico em escala global. O liberalismo econômico se amplia como doutrina a ser seguida em escala global. A inserção de mais países no que Santos (2006; 2012) chama de meio técnico-científico informacional, com o surgimento de diversos objetos técnicos-informacionais acelerando e dinamizando o trânsito de fluxos informacionais e financeiros, é outra característica notável que destaca-se das três últimas décadas.

É o advento tecnológico, sobretudo, das Tecnologias da Informação (TIs), que torna possível a dinamização dos fluxos informacionais no espaço (SANTOS, 2006), encurtando distâncias espaciais. A possibilidade de um número maior de pessoas se inserirem no que Castells (2005; et. all. 2006) chama de “sociedade em rede”, o que Lévy (1999) chama de “cibercultura” ou o que alguns autores, como o Ascher (2010) chamam de “sociedade do hipertexto”, ou seja, a sociedade fazer do uso das TIs para se comunicar entre si pela *web*, se deve ao surgimento de inúmeros objetos técnicos (SANTOS, 2006; 2012) que auxiliam esse acesso, como computadores e smartphones.



Santos (2006) nos fala que os objetos técnicos “se apoderam do nosso cotidiano, com eles nossa interação é prática” (p. 141).

Dentro desse novo contexto social, em que as TI 's modificam as relações sociais, encurtam distâncias e aceleram os fluxos informacionais, a economia sofre mudanças também. Surge o que Castells (2005; et. al., 2006) chama de nova economia, essa nova economia se caracteriza por ser baseada na informação e na inovação constantes.

Uma das características da nova economia é o uso cada vez maior da *web* para o consumo de produtos e serviços. Tornou-se possível obter informações sobre produtos e serviços que se pretende consumir a partir da experiência de outros consumidores, como os populares *reviews*, presentes em no formato de vídeo em plataformas como o Youtube, dos mais variados produtos, de objetos simples como canetas, até produtos de alto valor agregado, como automóveis. Comprar a partir da internet também passou a ser algo cada vez mais corriqueiro, segundo reportagem publicada na revista Exame⁴, as compras online cresceram 12,1% entre 2017 e 2018, evidenciando certa mudança nas práticas de consumo da sociedade.

O surgimento dos *smartphones*, enquanto exemplo de objeto técnico dentro desse contexto, também influenciou a forma de se consumir produtos e serviços. Diversas startups surgiram oferecendo serviços por aplicativos de celular. São exemplos disso as que oferecem transporte em carro particular, como a Uber, 99 e Cabify e as empresas de *delivery*, como a Ifood, Rappi, Glovo e Uber Eats. Outro tipo de empresa que oferece seus serviços de forma virtual e vem tomando notoriedade são os chamados “bancos digitais”. São instituições financeiras que oferecem a maior parte de seus serviços, inclusive a abertura de contas bancárias, apenas por aplicativos. A exceção vem a ser os saques que necessitam a utilização de alguma rede de autoatendimento conveniada, como as redes Tecban 24 Horas e Saque e Pague, ambas possibilitam que seus caixas eletrônicos operem transações de variados bancos conveniados. Os depósitos são realizados de diversas formas, como geração de boleto bancário de depósito, transferências bancárias, entre outras.

⁴ <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/negocios-online-continuam-a-crescer-no-brasil/>
Acessado em 15 de setembro de 2021.



O presente artigo busca compreender se este novo modelo de sistema bancário acarreta na concentração espacial de suas sedes administrativas, apesar da possibilidade do uso assíncrono e remoto desse tipo de serviço, a partir de qualquer parte do território. Saber se existe a dispersão ou concentração das diferentes *fintechs* e bancos digitais contribuem no entendimento das desigualdades regionais, possibilitando entender quais partes dos territórios são atrativos para os serviços característicos da nova economia, em especial os bancos digitais.

O uso da internet para a utilização de serviços bancários não é exatamente novidade. Segundo Dias e Lenzi (2009), o uso da *web* para serviços bancários teve seu início em 1995 e “o número de transações bancárias pela Internet passou de 38,7 milhões para 6,2 bilhões entre 1998 e 2006.” (p. 115). Bancos “tradicionais”, os não digitais, já oferecem a possibilidade do uso da internet e aplicativos móveis para realizar operações bancárias de forma remota. Segundo dados da Febraban, em reportagem divulgada no G1⁵, em 2016 o *mobile banking* representou 34% das operações bancárias realizadas no Brasil, e o *internet banking* representou 23%.

O estudo das transformações dos serviços bancários a partir dos avanços tecnológicos já é algo que ganha cada vez mais notoriedade. Contel (2006; 2009) estudou as mudanças da topologia bancária e as finanças no Brasil no decorrer do século XX até o final da primeira década do século XXI, abordando além da evolução das tecnologias bancárias nesse período, também as alterações normativas do setor. Especificamente sobre o fenômeno das *fintechs*, Videira (2020) busca compreender a disseminação das *fintechs* no Brasil enquanto componente da mundialização do capital, discutindo os impactos desses avanços tecnológicos no setor bancário. Contel (2020) aponta que desde o surgimento de *fintechs* no território nacional, houve ações normativas para buscar estimular as mesmas, tornando o sistema financeiro mais competitivo e eficiente.

Fora do Brasil a discussão sobre bancos digitais e *fintechs* também se mostra proeminente. Lipton et. all. (2016) abordam as transformações tecnológicas bancárias,

5

<https://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/mobile-banking-se-torna-meio-mais-usado-para-transacoes-bancarias-diz-febraban.ghtml> Acessado em 16 de setembro de 2021.



sobretudo nos Estados Unidos, indicando as etapas que precederam o surgimento dos bancos digitais. Os autores também apontam que os bancos estão rumando para algo que intitulam de “*Digital Banking of the Future*”. Os trabalhos de Coetzee (2018) e Carbellido (2018), embora analisem cenários de países distintos, África do Sul e México respectivamente, trabalham com temas centrais próximos e trazem apontamentos parecidos. Ambos os trabalhos apontam o surgimento de *fintechs*, a partir do desenvolvimento tecnológico, oferecendo serviços financeiros em seus países. Coetzee (2018) aponta que desde a crise econômica de 2008 os bancos tradicionais tiveram seu mercado ameaçado a partir do aparecimento desses atores, no contexto de um cenário de disrupção tecnológica e inserção de uma parcela cada vez maior da população na sociedade em rede.

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa se utilizou métodos quantitativos na busca e tratamentos dos dados. Os procedimentos metodológicos utilizados para a elaboração do presente trabalho se deram a partir das seguintes etapas. O primeiro passo foi a definição de 18 bancos digitais e *fintechs*, escolhidos a partir dos seguintes critérios: a) registro na plataforma *Fintech Lab*⁶, a partir dos dados de agosto de 2020; b) possibilidade de abertura de conta 100% digital. Nos dados sobre bancos digitais da *Fintech Lab* haviam 17 bancos digitais, se optou por adicionar o PicPay nos bancos sobre os quais se buscaria os dados para este estudo, visto que esse aplicativo de pagamento oferece muitas das possibilidades que os demais bancos digitais selecionados.

Após isso, se realizou a busca dos diferentes bancos digitais selecionados na plataforma do Banco Central do Brasil⁷, onde é possível pegar dados de cada instituição,

6

<https://fintechlab.com.br/index.php/2020/08/25/edicao-2020-do-radar-fintechlab-detecta-270-novas-fintechs-em-um-ano/> Acessado em 24 de setembro de 2021. Plataforma que concentra dados sobre *fintechs* de diversos segmentos, como bancos digitais, negociação de dívidas, investimentos, etc

⁷ <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/encontreinstituicao> Acessado em 24 de setembro de 2021.



entre eles o endereço de sua sede. Alguns bancos digitais presentes na lista da Fintech Lab não tinham registro na plataforma do Banco Central do Brasil. Nestes casos, o procedimento operado foi realizar a busca de dados e informações diretamente em seus sites.

Criou-se uma planilha no *software* Excel com informações dos bancos digitais. Os dados utilizados foram o de nome (fantasia), nome de registro, estado onde a sede se localiza, município onde a sede se localiza, CNPJ, código de compensação (registro ao Banco Central do Brasil), site e observações pertinentes (por exemplo, se é ligado a algum banco tradicional, se consta na plataforma do Banco Central do Brasil, etc). Para a realização do presente trabalho, apenas dois desses dados são utilizados, nome fantasia e município onde se localiza a sede, ficando os demais dados obtido disponíveis para próximas produções. Foi realizada a elaboração de um mapa temático no *software* ArcGis 10.3, para evidenciar melhor os resultados sobre a localização dos diferentes bancos digitais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Dentro desse contexto social em que as TIs modificam as relações sociais, encurtam distâncias e aceleram os fluxos informacionais, a economia sofre mudanças também. Surge o que Castells (2005) chama de nova economia, essa nova economia se caracteriza por ser baseada na informação e na inovação constantes. A nova economia ao se desenvolver possibilita a flexibilização de tempos e espaços, operações síncronas e assíncronas podem ocorrer entre pessoas e grupos em distintos espaços geográficos e em tempos diferentes. Esta flexibilização leva a entender esta atividade como precursora de uma nova realidade geográfica, na qual a dispersão geográfica seja uma realidade. Assim a nova economia pode se alojar em qualquer parte do território, desde que essa ofereça condições adequadas, como alta velocidade de conexão com a web, por exemplo.

Autores como Storper e Venables (2005) tem se preocupado com isto, discutindo a força econômica das cidades neste novo paradigma, elas é que teriam os conteúdos necessários para o desenvolvimento da inovação, seja ela tecnológica ou não. Para estes,



a presença do *face to face* leva ao burburinho, que propicia a inovação. Cria um ambiente de sinergia inovadora. Assim as cidades seriam lócus privilegiados da inovação, ou centros que permitiriam *face to face* para trocas de informações e conhecimentos que levariam a inovações. Os autores explicam melhor essa idéia no seguinte trecho:

A copresença física é vital para saber o que se busca, como identificá-lo e o que fazer com ele. A força desse tipo de contato *face a face* ou o que chamamos de “burburinho” da cidade ou da aglomeração. O burburinho, como deveremos agora defini-lo, incorpora as condições postas a montante do saber o que se passa; contatos intencionais *face to face*; e ocasionais ou mais raras trombadas *face a face* ou a força de se estar lá. Portanto, o burburinho é muito mais do que a circulação das informações ou a participação em rede. É, respectivamente, o que faz com que o primeiro ocorra e o modo pelo qual o segundo funciona. (STORPER; VENABLES, 2005, p.48).

Outros autores trabalham com ideia que, apesar da possibilidade da flexibilização espacial que os setores ligados à nova economia oferecem, a concentração espacial de firmas e trabalhadores segue. Oliveira (2014) aborda que são os grandes centros urbanos que possuem estrutura para promover inovações. São nos centros urbanos que estão a grande concentração de pessoal qualificado, acesso à redes de transporte, entre outras. Conversando com a teoria do “burburinho” acima descrita, de Storper e Venables, Castells e Hall (2001), falam sobre a importância das tecnópoles para o desenvolvimento da nova economia, pois a co-presença de diversas firmas em espaço próximos possibilita o intercâmbio de conhecimentos tácitos e codificados. Outros autores trabalham com a ideia de proximidade geográfica, como Benko (1996) ao falar de tecnópolis, e Asheim et. al (2015), ao falar sobre Sistemas Regionais de Inovação (*RIS - Regional Innovation System*).

Como apontamos na introdução deste trabalho, a prática do *e-commerce* (comercializar produtos pela *web*), se insere no contexto da nova economia e da sociedade em rede. Oliveira (2014), nos mostra que apesar dos avanços das possibilidades de compras pela *web* terem avançado significativamente, podendo se consumir de qualquer parte do território, os centros de comandos e distribuições seguem sendo as grandes cidades: “de fato, hoje é possível estar em um sítio, na zona rural, e fazer encomendas para uma luxuosa loja francesa; contudo, o centro do comando



capitalista continua sendo as cidades.” (*ibid*, p. 55). O trabalho publicado por Venceslau (2020) confirma os apontamentos de Oliveira, ao mostrar que os centros de comando das grandes redes de varejo atuantes no setor de comércio eletrônico que operam no território nacional se concentram na Região Concentrada⁸, principalmente no entorno da metrópole de São Paulo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os 18 bancos digitais pesquisados concentram-se em 4 estados, além do Distrito Federal. São 11 bancos localizados no estado de São Paulo, 3 localizados no estado do Rio de Janeiro, 2 localizados em Minas Gerais, 1 localizado no Espírito Santo e 1 localizado no Distrito Federal. A partir desse levantamento, é possível perceber que a Região Sudeste, sobretudo São Paulo, concentra a quase totalidade dos bancos digitais do Brasil. Na lista abaixo podemos observar a concentração desses bancos, além de ver pelo nome fantasia a localização de cada banco digital por Unidade da Federação.

Unidade da Federação.	Bancos.
São Paulo	Agibank, Banco Original, Banco Pan, Banqi, C6 Bank, Digimais, Neon, Next, Nubank, Picpay e Sofisa Direto.
Rio de Janeiro	Banco Maré, BTG Pactual Digital e Modalmais.
Minas Gerais	BS2 e Banco Inter.
Espírito Santo	LiftBank.
Distrito Federal	Afro Bank.

Tabela 1: os 17 bancos digitais que constam nos registros da Fintech Lab, além do Picpay, distribuídos por unidades da federação.

Muitos desses bancos são ligados a instituições financeiras já consolidadas, que já atuavam no mercado como bancos comerciais, bancos múltiplos, corretoras de

⁸ Conceito de Santos e Silveira (2001) para definir a porção territorial constituída pelas regiões Sul e Sudeste do Brasil.



valores mobiliários, etc. É o caso do Banco Next, pertencente ao Bradesco, o BTG Pactual Digital, ligado ao BTG Pactual, ou ao Sofisa Direto, ligado ao Banco Sofisa. Alguns outros já surgem digitais desde sua origem, como é o caso do Nubank, *startup* de origem brasileira, que atingiu o feito de ser a terceira *startup* do Brasil a virar “unicórnio”, termo que se designa as *startups* que atingem o valor de mercado de US\$ 1 bilhão, e também do Banco Maré, do Rio de Janeiro.

Podemos entender como resultado deste estudo que existem duas origens principais para os bancos digitais em operação no Brasil: a) bancos digitais surgidos a partir de instituições financeiras tradicionais, que buscam atuar nessa fatia de mercado dos bancos digitais; b) *startups* criadas já com a intenção de atuar nessa fatia de mercado, sem o fomento de algum banco tradicional. Ainda existe o caso do Banqi, ligado a rede varejista Via Varejo, detentora de marcas como Casas Bahia, Ponto Frio e Extra, possibilitando facilidades para seus clientes em utilizar serviços dessas lojas.

No mapa abaixo podemos enxergar essa concentração territorial dos bancos digitais, estando a maior parte no estado de São Paulo.

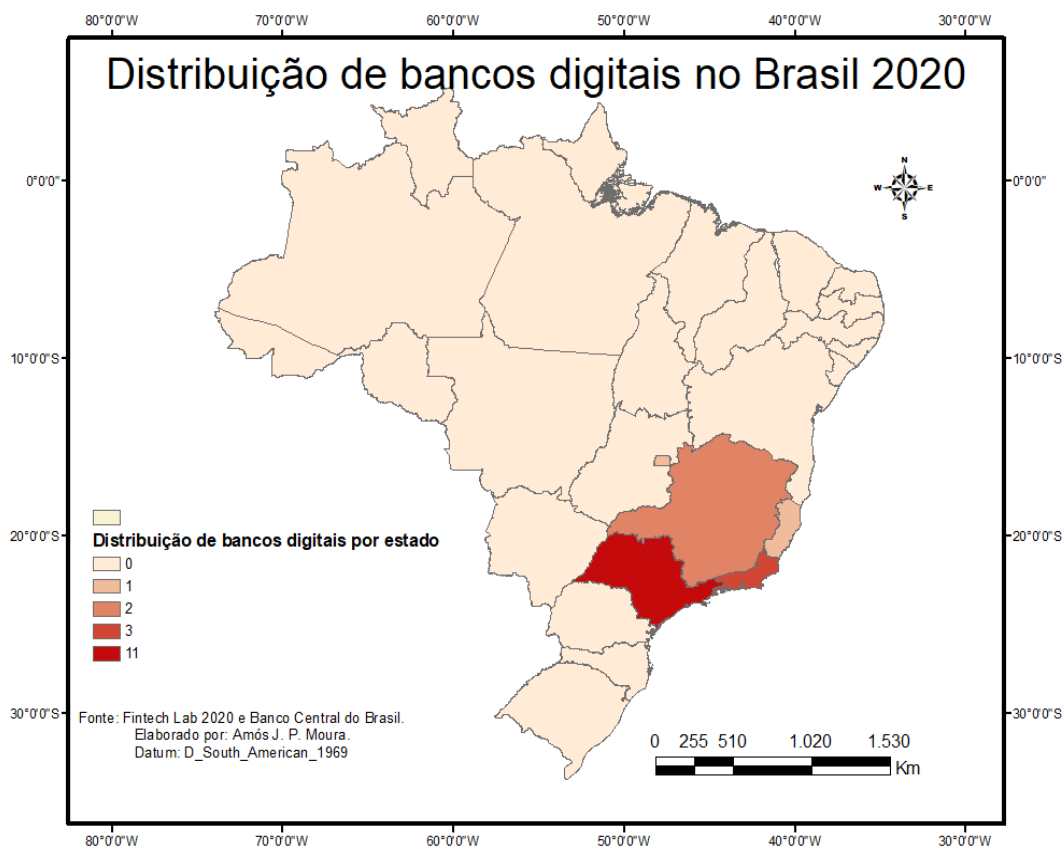




Imagem 1: mapa com a distribuição dos bancos digitais do Brasil em 2020.

A partir do mapa é possível ter uma compreensão maior dessa concentração espacial. O mapeamento das sedes evidencia que, apesar dos bancos digitais propagarem que seu uso é assíncrono, e da possibilidade de realizar transações remotamente, de qualquer lugar, eles acabam convergindo para uma concentração territorial de suas sedes. A concentração dos bancos digitais se dá sobretudo na Região Concentrada, conceito elaborado por Santos e Silveira (2001) para definir a porção territorial composta pelas Regiões Sul e Sudeste do Brasil, pois esta região concentra mais densidades técnicas e informacionais, além de possuir uma maior fluidez de pessoas, produtos, serviços e mercadorias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado do trabalho, foi possível verificar que os bancos digitais mantêm uma lógica espacial concentradora, pois seus centros de controle seguem aglutinados em partes do território com maior desenvolvimento econômico. Os 18 bancos digitais pesquisados concentram-se em 4 estados, além do Distrito Federal. São 11 bancos localizados no estado de São Paulo, 3 localizados no estado do Rio de Janeiro, 2 localizados em Minas Gerais, 1 localizado no Espírito Santo e 1 localizado no Distrito Federal. A partir desse levantamento, é possível perceber que a Região Sudeste, sobretudo São Paulo, concentra a quase totalidade dos bancos digitais do Brasil.

Podemos aventar duas hipóteses para explicar essa concentração, apesar da impossibilidade de inferir ao certo os motivos causadores da mesma sem um maior aprofundamento dos estudos. A primeira hipótese é a necessidade da concentração territorial que a nova economia gera e necessita, como abordado por diversos autores (STORPER e VENABLES, 2005; CASTELLS e HALL, 2001; OLIVEIRA, 2014; BENKO, 1996). A proximidade espacial auxilia no intercâmbio de conhecimentos tácitos e codificados das firmas inovadoras. A segunda hipótese é os estados do Sudeste, sobretudo São Paulo, concentrarem os maiores PIBs do Brasil. São Paulo é o maior centro financeiro do Brasil e um dos maiores do mundo, concentrando não apenas bancos digitais e *fintechs*, mas também sedes de bancos tradicionais, corretoras de



seguros e corretoras de valores mobiliários. É possível compreender esses dois fenômenos de forma conjugada, além de atentar que outros fatores também podem contribuir nessa concentração. É necessário um aprofundamento dos estudos para saber ao certo os motivos que levam a essa concentração.

As *fintechs*, juntamente com outros tipos de atividades inovadoras promovidas pelas empresas da nova economia, principalmente as *startups*, como *delivery* de alimentos, transporte urbano em veículos de aplicativos, aplicativos para marcar serviços médicos, contratar profissionais de limpeza (diaristas), entre outros, evidenciam grande transformação no consumo de produtos e serviços. Plataformas de *e-commerce* ganham cada vez mais notoriedade. As relações trabalhistas também se transformam, a partir do caso dos trabalhadores que se cadastram aos aplicativos de serviços, como os de transporte de pessoas e mercadorias, onde a empresa não é vista como empregadora e sim “parceira”, se isentando de responsabilidades. Já se utiliza o termo “uberização”, criado em referência ao aplicativo Uber, para definir essa precarização do trabalho característica dessa realidade (ANTUNES, 2020), já que esse aplicativo é o pioneiro a criar este tipo de relação trabalhista.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo (org.). 2020. **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. 1. ed. São Paulo: Boitempo. 333 pp.

ASCHER, François. **Os Novos Princípios do Urbanismo**. São Paulo: Editora Romano Guerra, 2010.

BENKO, Georges. **Economia, Espaço e Globalização na aurora no século XXI**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

CARBELLIDO, Octavio Avendaño. Los retos de la banca digital en México. In: **IUS - Revista del Instituto de Ciencias Jurídicas de Puebla**. Puebla (México) v. 12, n. 41. 2018

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**: volume 1. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005.



CASTELLS, Manuel; FERNÁNDEZ-ARDÈVOL, Mireia; QIU, Jack Lichuan; SEY, Araba. **Comunicación Móvil Y Sociedad**: Una perspectiva global. Barcelona: Ariel S.A., 2006

CASTELLS, Manuel; HALL, Peter. **Tecnópolis del mundo**: la formación de los complejos industriales del siglo XXI. Madrid: Alianza, 1994.

COETZEE, Johan. Strategic implications of Fintech on South African retail banks. In: **South African Journal of Economic and Management Sciences**. v. 21, n.1, 2018.

CONTEL, Fabio Betioli. Território e Finanças: Técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil. 2006. 343 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CONTEL, F. B. Espaço geográfico, sistema bancário e a hipercapilaridade do crédito no Brasil. **Caderno CRH**, Salvador, v. 22, n. 55, p. 119 - 134, jan/abr 2009.

CONTEL, F. B. Psicofera, topologia bancária e medidas anticíclicas: as mudanças provocadas pela pandemia segundo o Banco Central do Brasil. In: ARROYO, M.; ANTAS Jr, R. M.; CONTEL, F. B. (ORGS). **Usos do Território e Pandemia**: dinâmicas e formas contemporâneas do meio técnico-científico informacional. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2020. p. 251 - 275.

DIAS, L. C; LENZI, M. H. Reorganização espacial de redes bancárias no Brasil: processos adaptativos e inovadores. **Caderno CRH**, Salvador, v. 22, n. 55, p. 97- 117, jan/abr 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIPTON, A.; SHRIER, D.; PENTLAND, A. **Digital Banking Manifesto: The End of Banks?** Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2016.

OLIVEIRA, Giovana Mendes. O Uso do Território para a Inovação. In: **Mercator**, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 53-60, mai./ago. 2014.



SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

STORPER, M.; VENABLES, A. O burburinho: a força econômica da cidade. In: DINIZ, C. C.; LEMOS, M. B. (Org.) **Território e Economia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

VENCESLAU, I. O comércio eletrônico e a pandemia da Covid-19 no território brasileiro: tecnosfera e psicofera na expansão do consumo. ARROYO, M.; ANTAS Jr, R. M.; CONTEL, F. B. (ORGS). **Usos do Território e Pandemia: dinâmicas e formas contemporâneas do meio técnico-científico informacional**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2020. p. 123 - 149.

VIDEIRA, Sandra Lúcia. Fintechs: novos atores das finanças contemporâneas - um olhar geográfico. In: **Revista Entre-Lugar**. Dourados. v.11 n.21. 2020.